

Capítulo I

(Uma Narrativa Interior)

Antes do aparecimento dos navios a vapor, quem se passeasse ao longo das docas de qualquer porto de considerável importância, sentiria, com mais frequência do que hoje, a sua atenção desperta por um grupo de marinheiros bronzeados, da Marinha de Guerra ou da Mercante, a gozarem em terra a sua licença. Algumas vezes vê-los-ia reunidos à volta de uma figura superlativa, embora da mesma patente, caminhando juntos como Aldebarã entre as estrelas de menos intensidade da sua constelação. Este astro de primeira grandeza era o Marinheiro Modelo dos tempos menos prosaicos das Marinhas Mercante e Militar. Não havia nele qualquer ostentação e aceitava esta homenagem espontânea dos seus camaradas com a simplicidade de quem vê reconhecido um direito natural. Lembro-me de um caso particularmente interessante. Há já uns cinquenta anos, vi em Liverpool à sombra do grande paredão imundo de Prince's Dock (há muito deitado abaixo), um simples marinheiro, tão negro que devia ser um nativo africano de puro-sangue hamita. Era uma figura bem proporcionada, com uma estatura acima da média. Bailavam sobre o seu peito de ébano as duas pontas de um lenço de seda garrida que tinha amarrado ao pescoço; das orelhas pendiam duas grandes argolas de ouro e a sua cabeça harmoniosa era coroada por um barrete escocês.

Era julho, numa tarde quente, e no seu rosto brilhante de suor faiscava um bom humor bárbaro. Enquanto ziguezagueava entre os seus camaradas, um largo sorriso abria-se-lhe nos dentes brancos. Os outros marinheiros eram homens de todas as origens e compleições, de sorte que Anarchasis Cloots bem os podia ter feito figurar

como representantes da Raça Humana na primeira Assembleia Francesa. A cada tributo espontâneo prestado a este pagode negro — o tributo de uma pausa e de um olhar, ou, mais raramente, de uma exclamação —, aquela turba variegada dava boas provas de um orgulho que se assemelhava, sem dúvida, ao dos sacerdotes assírios prosternados diante do grande touro de pedra.

Se às vezes, quando vinha a terra, o Marinheiro Modelo a que me estou a referir parecia um príncipe Murat dos mares, em nada ofuscava o elegante Billy da nossa narrativa. Billy corresponde a um curioso tipo de personalidade, hoje quase extinto, mas que ocasionalmente ainda se pode encontrar, e com aspetos mais curiosos do que nunca, num desses marinheiros que vão ao leme das suas embarcações no tempestuoso canal de Erie ou, mais frequentemente, entre os que deambulam pelas tabernas dos cais. Tratava-se sempre de um excelente profissional do seu perigoso ofício e também um forte *boxeur* e lutador. A imagem da força e da beleza. Por toda a parte se contavam histórias das suas proezas. Em terra, era um campeão; a bordo, um orador; e em cada situação era invariavelmente o melhor. Ei-lo escarranchado nos lais, enrizando as gáveas em plena tormenta: um pé no «estribo» e ambas as mãos a puxar com força os arganetes e as amarras, num movimento idêntico ao jovem Alexandre domando o feroso Bucéfalo. Uma figura soberba, projetada no céu de tempestade pelos cornos de Taurus, a bambolear-se jovialmente sobre os cabos esticados dos mastros.

A sua natureza moral estava quase sempre em harmonia com as suas capacidades físicas. De facto, se não fosse moldado por essa força moral, o seu porte gracioso e o seu poder, sempre atraentes no porte masculino, não chegariam para justificar as homenagens prestadas ao Marinheiro Modelo pelos seus companheiros menos dotados.

Semelhante cinosura, na aparência e também na personalidade, embora com variantes importantes que esta história tornará evidentes, era-o Billy Budd. Billy Budd — tratado mais familiarmente, e em condições que adiante veremos, por Baby Budd — era um jovem de vinte e um anos, de olhos azul-celeste, gajeiro de traquete da Marinha de Guerra na última década do século dezoito. Não muito antes da época a que esta narrativa se refere, entrara para o

serviço de Sua Majestade. Quando regressava ao seu porto, a bordo de um navio mercante que então atravessava o mar da Irlanda, fora alistado à força no navio *Indomável*, de setenta e quatro canhões, que seguia para uma missão no estrangeiro. O barco de guerra fora obrigado a largar antes de ter a equipagem completa, o que nesse período não era invulgar. O tenente Ratcliff, oficial administrativo, ao chegar a bordo do navio mercante reparou logo em Billy, mesmo antes de toda a marinhagem se ter solenemente reunido no tombadilho para uma inspeção. E só a ele escolheu. Não se sabem as razões da sua decisão. Teria sido porque os outros faziam triste figura ao lado de Billy? Seria pelo escrúpulo de não privar de muitos homens a já limitada equipagem daquele navio? Seria porque se contentou com a sua primeira e imediata escolha?

Para grande surpresa dos seus companheiros e igual satisfação do tenente, Billy não fez a mínima objeção. Aliás, qualquer protesto teria sido tão vão como o de um pintassilgo engaiolado.

Esta aceitação sem um lamento, e quase de bom agrado, fez que os camaradas lançassem ao marinheiro olhares de espanto carregados de muda censura. O capitão do seu barco era um desses dignos mortais que se encontram em todas as profissões — mesmo nas mais humildes — e em quem todos reconhecem um «homem respeitável». Conquanto fosse um dominador das águas turbulentas e tivesse passado a vida inteira num combate com os duros elementos, não é tão estranho como pode parecer que esta boa alma tivesse um simples ideal de paz e tranquilidade. Andava à volta dos cinquenta, tinha uma certa tendência para a obesidade, um rosto simpático, bolachudo, sem barba, de uma tonalidade agradável, e uma expressão de humana inteligência. Quando estava bom tempo, havia um vento favorável e tudo corria bem, a sua voz ganhava uma qualidade musical e parecia emanar da fonte mais profunda do seu ser. Era muito consciencioso e prudente e, por vezes, estas virtudes lançavam-no num estado de grande inquietação. Durante uma travessia e sempre que estava próximo de terra, o capitão Graveling não dormia. Tomava a peito todas as graves responsabilidades que pesam menos sobre outros comandantes.

Billy Budd desceu ao castelo da proa para arranjar as suas coisas. O tenente do *Indomável*, um corpulento fanfarrão, não se deixou

impressionar pelo facto do capitão Graveling lhe não ter dirigido quaisquer das palavras hospitaleiras habituais num momento para si tão desagradável (uma falta apenas provocada pelas suas preocupações) e convidou-se sem cerimónia. Entrou na cabina do capitão, e tomou mesmo a liberdade de abrir o armário das bebidas e tirar uma garrafa que os seus olhos experimentados distinguiram entre todas. De facto, este tenente era um desses lobos do mar em quem o instinto para os prazeres sensuais não se alterara por força dos rigores e dos perigos da vida marítima nesse período de grandes e demoradas guerras. Cumpria fielmente o seu dever; mas o dever é muitas vezes uma obrigação seca e ele, sempre que possível, irrigava a sua aridez com uma dose de fertilizante de bebidas fortes. O proprietário da cabina não teve outro remédio senão representar o papel de estalajadeiro forçado e servi-lo com quanta solícitude e bons modos ainda dispunha. Sem dizer palavra, colocou em frente do seu indesejável hóspede os copos e a garrafa de água necessários. Desculpou-se por não beber também e observou em silêncio o desembaraçado oficial. Este acrescentou ao seu grogue um pouco de água e engoliu-o em três goladas, pousando depois o copo vazio, mas não muito longe, para o caso de querer voltar a servir-se; depois, acomodou-se na sua cadeira, deu um estalo com a língua para denunciar a sua satisfação e fixou intensamente o seu anfitrião.

Terminado este jogo, o capitão quebrou o silêncio; havia na sua voz um tom de profunda censura:

— Tenente, vai levar-me o melhor, a pérola dos meus homens.

— Sim, eu sei — disse o outro e voltou a pegar no copo, pronto para beber outra vez. — Sim, eu sei. Lamento muito.

— Desculpe, tenente, mas o senhor não está a perceber. Pense no que eu lhe vou dizer. Antes de ter embarcado este jovem, o meu castelo de popa era um ninho de desordens constantes. Passavam-se maus bocados aqui a bordo do *Direitos*. Andava tão preocupado que nem me dava gosto fumar cachimbo. Depois, chegou Billy Budd; foi como se um padre católico aparecesse a restabelecer a ordem numa rixa irlandesa. Não é que ele lhes pregasse, dissesse ou fizesse qualquer coisa de especial; era apenas uma virtude apaziguadora que de si emanava, acalmando mesmo os mais endemoninhados. Corriam para ele como abelhas para o mel; todos, menos o fanfarrão do gru-

po, um homem grande e hirsuto, de suíças ruivas. Este pensava, talvez sem inveja, que o recém-chegado, o «menino-bonito», como maldosamente o designava, não aguentaria uma luta de galos e procurava armar uma quezília. Billy falou-lhe, conversou com bons modos — Billy é um pouco como eu, tenente, detesta tudo o que possa parecer-se com uma zaragata —, mas nada feito. Assim, um dia, num segundo quarto de vigia e na presença de outros marinheiros, o Suíças Ruivas fez menção de mostrar a Billy por onde se corta o lombo de uma vaca — o tipo em tempos fora carneiro — e deu-lhe ostensivamente uma cutilada entre as costelas. Rápido como um relâmpago, o braço de Billy partiu. Estou certo que ele não pensava fazer o que fez, mas fosse como fosse, deu uma tremenda sova no rufião. A coisa durou meio minuto e o outro não teve tempo de se recompor. Mas creia-me, tenente, agora o Suíças Ruivas adora o Billy, gosta realmente dele, ou então é o maior hipócrita de que alguma vez ouvi falar. Aliás, todos gostam dele. Uns lavam-lhe a roupa, outros cosem-lhe as calças; o carpinteiro, nas horas vagas, fez-lhe uma pequena arca. Todos são capazes de se sacrificar por Billy Budd; é uma família feliz. Mas se ele se vai embora, tenente, nem sei o que acontecerá no *Direitos*. Tão cedo não voltarei a fumar tranquilamente o meu cachimbo, depois do jantar, encostado ao cabrestante. Não, tão cedo, receio bem que não. O tenente vai levar-me a pérola dos meus homens, o seu pacificador.

E, ditas estas palavras, aquela boa alma teve grande dificuldade em abafar um soluço.

— Pois bem — disse o tenente a quem o álcool dera boa disposição e ouvira tudo isto com um ar de trocista —, benditos sejam os pacificadores, especialmente os pacificadores que lutam! São como setenta e quatro beldades, algumas das quais se veem daqui, que deitam o nariz de fora das vigias daquele navio de guerra que está ali à minha espera (e apontou o *Indomável* através das janelas da cabina). Mas coragem! Não esteja assim tão abatido. Garanto-lhe desde já a aprovação real. Esteja descansado que Sua Majestade ficará encantada ao saber que numa época em que os marinheiros não têm o devido prazer em se alistar, numa época em que os comandantes ficam com secretos rancores se se lhes leva um ou dois homens para a Armada... Sua majestade, dizia eu, ficará a saber